



## A educação escolar indígena como objeto de pesquisa: Caminhos possíveis

### *Indigenous school education as a research objective: Possible paths*

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v1i1.1079>

Mara Rykelma da Costa Silva - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre/IFAC <http://lattes.cnpq.br/9413333058798623>

Josefina D. Barrera Kalhil - Universidade Estadual do Amazonas/UEA <https://orcid.org/0000-0003-1470-7608>

Laura Isabel Marques Vasconcelos de Almeida - Universidade de Cuiabá <https://orcid.org/0000-0003-3973-7408>

Vilma Luísa Siegloch Barros - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre/IFAC <https://orcid.org/0000-0001-5069-9831>

**RESUMO:** A Educação Escolar Indígena tem sido alvo de estudos no Brasil nos últimos anos. Uma pesquisa ao acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, revelam pelo menos 1.200 pesquisas voltadas para a temática, cujo crescimento anual é uma característica. Diante do interesse pelo assunto, este artigo surge com a proposta de apresentar metodologias utilizadas por pesquisadores ao desenvolverem estudos científicos no Brasil considerando a temática Educação Escolar Indígena - EEI. Para tanto, foram selecionadas nove pesquisas de doutorado disponíveis no banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações defendidas no período de 2015 a 2020 para dar suporte as análises deste trabalho. Neste sentido, buscou-se identificar as bases metodológicas que sustentaram essas pesquisas, bem como possibilidades de abordagem do tema, por meio da realização uma revisão de literatura com foco nos percursos metodológicos trilhados pelos pesquisadores apontados nos estudos. Como resultados, destacam-se similaridades no que tange a forma de abordagem e a natureza das pesquisas e diversidades, no que concerne aos procedimentos metodológicos utilizados nas produções.

**Palavras-chave:** Pesquisas científicas; Caminhos metodológicos; Revisão de literatura; Abordagens de pesquisa.

**ABSTRACT:** Indigenous School Education has been the target of studies in Brazil in recent years. A search in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations - BDTD, reveals at least 1,200 researches on the subject, whose annual growth is a characteristic. Given the interest in the subject, this article aims to present the research methodologies used by researchers who have developed studies in Brazil considering the Indigenous School Education - EEI theme. To this end, nine doctoral researches available in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations that have been defended between 2015 and 2020 were selected to support the analysis of this article. In this sense, we sought to identify the methodological bases that supported the research, as well as possibilities of approaching the theme. For that purpose, a literature review was carried out focusing on the methodological paths followed by the researchers mentioned in the papers. The results show similarities in terms of the form of approach and nature of the research, and diversities in terms of the methodological procedures used in the productions.

**Keywords:** Scientific research; Methodological Paths; Literature Review; Research approaches.

## **INTRODUÇÃO**

Ao longo dos anos, a educação indígena tem se mostrado alvo crescente de pesquisas no Brasil. Uma busca ao acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), plataforma que integra sistemas de informação de teses e dissertações de instituições de ensino e pesquisa do Brasil, revela pelo menos 1.207 trabalhos que tratam sobre “Educação Indígena”, sendo este o parâmetro inicial da busca. Desses, pelo menos 747 pesquisas atenderam a temática e tiveram como foco a educação escolar de povos indígenas, entre tanto, 522 figuram-se em dissertações de mestrado e outros 225 como teses de doutorado.

Um fato que chama atenção é o crescimento exponencial de estudos voltados para a temática. Para se ter uma ideia, das 747 pesquisas que tratam sobre a Educação Escolar Indígena, em um intervalo de seis anos, de 1997 a 2002, estão catalogados na BDTD 15 trabalhos. Nos próximos seis anos, no período de 2003 a 2008, constam 83 trabalhos que representam um aumento de mais de 450% das produções. Números que continuam a se multiplicar, no período de 2009 a 2014 os registros apontam 276 pesquisas sobre a temática e, de 2015 a 2020, 371 trabalhos.

Os números mostram-se expressivos, despertando o interesse em conhecer os caminhos trilhados por pesquisadores que se dedicam a investigar a EEI, modelo educacional que, no Brasil, tem levado pelo menos 500 anos para se firmar como diferenciado, intercultural, bilíngue ao passo que é multilíngue, interétnico e simultaneamente multiétnico, dentre outras especificidades que o regem.

A Educação Escolar Indígena nas últimas décadas, tem exigido de diversas comunidades a busca pela construção de sistemas próprios de ensino, projetos educacionais específicos, opondo-se a modelos tradicionalmente praticados no país pautados no assimilacionismo em massa, com visão

integracionista experienciada desde o período colonial da nação.

Diversas são as legislações que vêm regulamentar e amparar o modelo como um sistema específico e diferenciado no país. Dessas, não poderíamos deixar de mencionar a Constituição de 1988 que, em seu Art. 210, § 2º, assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas em seus processos próprios de aprendizagem. Destacamos também o Art. 231 da Carta Magna, artigo que vem reconhecer aos indígenas suas organizações sociais, costumes, línguas e tradições, além dos direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam.

O direito a uma educação diferenciada também encontra amparo na Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), dispositivo que estabelece, em seu Art. 78, que cabe à União, em colaboração com as agências de fomento à cultura e de assistência a indígenas, desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com vistas a proporcionar aos indígenas a recuperação de memórias históricas, a reafirmação de identidades étnicas, a valorização de línguas e ciências e o acesso à informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades.

Em decorrência, surgem outras legislações, como o Parecer CNE nº 14/99 e a Resolução CEB nº 3/99, documentos que estabelecem diretrizes curriculares em âmbito nacional para a educação escolar de indígenas, definindo conceitos, como as categorias escola indígena e professor indígena, prevendo a formação de profissionais da própria comunidade e a existência de currículos próprios e flexíveis.

Tais diretrizes são consideradas marcos importantes na construção de modelos educacionais específicos no Brasil, amparando o modelo Educação Escolar Indígena e dando origem a diversas regulamentações, como as Resoluções nº 05, de 22 de junho de 2012 e a de

nº 01, de 7 de janeiro de 2015, ambas do Conselho Nacional de Educação – CNE. A primeira dispendo sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EEI na Educação Básica e, a segunda, instituindo Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio.

Em âmbito internacional, destacamos a Convenção nº 169, sobre os povos indígenas e tribais da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1989, e a Declaração das Nações Unidas sobre o Direito dos Povos Indígenas, de 13 de setembro de 2007. A primeira, defendendo o direito de populações indígenas a participarem da elaboração de políticas públicas direcionadas a seus povos. A segunda, defendendo a necessidade de respeitar e promover com urgência os direitos aos povos indígenas em relação a suas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais no intuito de pôr fim a todas as formas de discriminação e opressão cometidas contra indígenas.

Diversas foram as legislações, por meio delas, a escola indígena, assim como os profissionais que nela atuam, incorporaram novos papéis conferindo-lhes um caráter de afirmação de identidade e de pertencimento.

Considerando a amplitude da temática pretendemos, neste estudo, direcionar nossos olhares para produções acadêmico-científicas brasileiras que tenham se preocupado em investigar o modelo educacional escolar indígena no país defendidos no período de 2015 a 2020, de forma a identificar estudos mais recentes.

Para discorrer sobre o assunto buscamos primeiramente, identificar trabalhos assentados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, vinculados a Programas de Pós-Graduação de Doutorado, que tenham desenvolvido estudos específicos sobre a Educação Escolar Indígena no Brasil, sendo este, um dos critérios utilizados na seleção dos trabalhos.

Do levantamento inicial, identificamos que as pesquisas são abrangentes e contemplam diferentes áreas do conhecimento, apesar da concentração na área da Educação. Contudo, pretendemos direcionar este estudo para informações relativas a procedimentos, técnicas e metodologias de pesquisas utilizados nos trabalhos selecionados na intenção de identificar possibilidades metodológicas, cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

## **CARACTERIZANDO AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS**

Como critério geral de busca, foi utilizado o descritor “Educação Escolar Indígena”, para o qual o acervo revelou um total de 747 produções científicas entre teses e dissertações. Refinando a busca, o descritor passou a ser considerado no campo de busca Assunto, reduzindo o número de produções para 69. Definido o marco temporal, o quantitativo se restringiu a 38 estudos, dos quais 14 mostraram-se como teses de doutorado, alvo desta pesquisa.

Ao analisar as 14 produções, observamos que os trabalhos intitulados “Educação e escolarização da criança indígena com deficiência em Terra Indígena Araribá”, defendido em 2015, “Relações entre infância, escola e religião: etnografia dos *Baniwa* do médio Içana”, defendido em 2017, e “Estudos bibliométricos sobre educação indígena: frente de pesquisa, vida média e obsolescência da literatura citada em teses e dissertações”, também defendido em 2017, encontram-se duplicados no sistema, o que reduz a relação para 11 estudos.

Além disso, os trabalhos sob o título de “Saberes tradicionais *Krahô* e Educação Escolar Indígena: um diálogo possível na Escola Indígena 19 de Abril”, defendido em 2015, e “O ensino de L2 na Escola Indígena 19 de Abril: uma análise sobre as políticas públicas e linguísticas na perspectiva dos *Krahô* da aldeia Manoel Alves”, defendido no mesmo ano, referem-se ambos a dissertações de mestrado, logo,

excluídos da relação.

Diante dos critérios de seleção, as análises limitaram-se a um total de nove trabalhos, a seguir apresentados segundo a ordem cronológica de suas defesas.

O primeiro estudo trata-se do trabalho de Michele Aparecida de Sá, intitulado “Educação e escolarização da criança indígena com deficiência em terra indígena Araribá”, vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, defendido em 2015, em que a autora busca compreender as relações entre a Educação Especial e a Educação Escolar Indígena na Terra Indígena de Araribá, no estado de São Paulo.

O segundo trabalho, carrega o título de “Relações entre infância, escola e religião: etnografia dos *Baniwa* do Médio Içana”, vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de autoria Amanda Rodrigues Marqui, que apresenta relações entre infância, escola e religião dos povos da etnia *Baniwa*, originários do noroeste amazônico.

Como terceiro objeto de estudo, foi selecionada a pesquisa de Sandra Maders, defendida em 2017, vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação, sob o título de “Educação Escolar Indígena, Intercultura, Formação de Professores (as)”, que busca contribuir com os subsídios teóricos e epistemológicos para a formação de professores (as) para a Educação Escolar Indígena, bem como para a educação de modo geral, fundamentando-se em teorias da Biologia do Conhecer e da Biologia do Amar, de Humberto Maturana, sob a proposta de promoção do diálogo intercultural.

O próximo estudo refere-se ao trabalho “Currículos e identidades: tiroteio narrado ao som do Maracá”, pesquisa também vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação, de autoria da pesquisadora Beatriz Sales da Silva, defendido em 2017, cujo texto apresenta problematizações quanto à produção e à implementação de currículos escolares na

Escola Estadual Indígena *Xucuru Kariri*, na cidade de Caldas, em Minas Gerais, partindo de narrativas de grupos de professores e de lideranças indígenas na busca por conhecer histórias de vida, questões de identidade e influências dessas sobre os currículos escolares.

Na sequência, apresentamos o trabalho de Alexandre Masson Maroldi que, por meio da pesquisa “Estudos bibliométricos sobre Educação Indígena: frente de pesquisa, vida média e obsolescência da literatura citada em teses e dissertações”, defendida em 2018, vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação, busca identificar e analisar bases conceituais e legais da Educação Indígena no Brasil, traçar um panorama histórico de políticas públicas voltadas para os povos indígenas e analisar a literatura científica sobre educação indígena defendida no país.

Além destes cinco estudos, consideramos ainda a tese de Aly David Arturo Yamall Orellana, defendida em 2019, vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade, intitulada “A produção acadêmica em Educação Escolar Indígena no Brasil: autorias, tendências e perspectivas – 1980 a 2017”. Estudo que, ao direcionar o olhar para produções acadêmicas sobre Educação Escolar Indígena, busca identificar e avaliar tendências de produções acadêmicas considerando temáticas, autorias, ênfases e aspectos distribuídos no tempo e no espaço.

O trabalho “Percurso de resiliência e identidade em histórias, memórias e experiências de alfabetizadores (as) indígenas em Roraima”, defendido em 2019, também compõe o leque de objetos deste estudo. Nesta pesquisa, desenvolvida na cidade de Boa Vista, no estado de Roraima, a autora Áurea Lúcia Melo Oliveira Corrêa narra o processo de formação de professores que atuam nos anos iniciais da educação básica da Educação Escolar Indígena, considerando a diversidade sociocultural e étnica dos mesmos, na busca por compreender a resiliência de representantes do movimento social indígena

de Roraima ao questionarem propostas educacionais pelo sistema brasileiro.

A oitava pesquisa conta com o estudo de Lilian Moreira Ayres de Souza Mazoni, tese defendida em 2019, sob o título de “O ensino de português para os *Kadiwéu* – realidade, desafios e estratégias para professores indígenas”, vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Letras. No estudo, a partir de solicitações de lideranças indígenas da aldeia Alves de Barros do povo *Kadiwéu*, a autora propõe um curso de capacitação sobre o ensino do português para professores indígenas *Kadiwéu* pautado em situações cotidianas e respeitando o posicionamento de indígenas.

O último trabalho selecionado corresponde à tese “As escolas do Serviço de Proteção aos Índios em postos indígenas *Kaingang*: entre os documentos oficiais e as vozes dos *kófa* (1940-1967)”, de autoria de Juliana Schneider Medeiros, também vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Educação e defendido em 2020. Nesse, a autora toma como centro do estudo a história da educação escolar do povo *Kaingang* durante atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), no estado do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo compreender como a escola, instituída a partir da política indigenista do SPI, se concretizou entre esses povos, especificamente nos Postos Indígenas Nonoai e Guarita no período de 1940 a 1967.

Conhecidas as pesquisas, as próximas seções vêm apontar observações que consideram, especialmente, os caminhos metodológicos trilhados pelos pesquisadores, na intenção de identificar procedimentos, ou conjunto de procedimentos, assumidos pelos pesquisadores na construção de suas produções científicas. Conjunto de procedimentos que, segundo Prodanov e Freitas (2013), pode ser compreendido como métodos utilizados para alcançar determinado fim, cujo objetivo é a busca pelo conhecimento. Logo, buscaremos apontar possibilidades metodológicas de pesquisas ao se investigar a temática Educação Escolar Indígena.

## **PESQUISAS E ABORDAGENS METODOLÓGICAS EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Para introduzir o assunto, levantamos o seguinte questionamento: o que é pesquisar? Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 43), pesquisar pode ser entendido como o ato de “procurar uma informação que não sabemos, mas que precisamos saber”, ou seja, buscar respostas, buscar conhecimento. Assim, o presente estudo busca desvelar os caminhos trilhados por pesquisadores na procura de conhecimento. Caminho que, segundo Minayo (1994), pode ser entendido como metodologia.

Nesse sentido, Sampieri, Collado e Lucio (2006) enfatizam que a pesquisa científica é como qualquer tipo de pesquisa, apenas com mais rigor, organização e cuidado na execução de indagações que podem ser realizadas por meio de um estudo planejado, caracterizada pelo método de abordagem do problema, cuja finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação de métodos científicos.

Considerando que a classificação de pesquisas científicas envolve diferentes aspectos, buscaremos identificar nas produções selecionadas os tipos de pesquisas desenvolvidas que tomaram a Educação Escolar Indígena no Brasil como objeto de estudo. Para tanto, pontuaremos características relativas à natureza, às formas de abordagem do problema, aos objetivos e aos procedimentos técnicos empregados de pesquisadores em seus estudos.

Para iniciar a discussão, tomamos a tese de Sá (2015), trabalho em que a autora, após uma apresentação geral do seu campo de estudos, justifica a origem do interesse pelas temáticas Educação Escolar Indígena e Educação Especial, que se fundem no desenvolvimento da pesquisa que visa entender como são construídas a educação indígena e a educação escolar indígenas para crianças na Terra indígena Araribá e como ocorre a interface da educação especial na educação escolar

indígena.

Em seu estudo, Sá (2015) resgata o contexto histórico em que a Educação Escolar Indígena se firmou no Brasil lembrando o foco aculturador de ações iniciais, buscando diferenciar educação escolar a educação escolar indígena, esclarecendo concepções hoje atribuídas ao modelo educacional voltado para os povos indígenas.

Como objetivos, a pesquisadora propõe o mapeamento de matrículas de alunos indígenas com deficiência em escolas indígenas do Brasil; analisar a configuração da EEI no Estado de São Paulo; conhecer como a família e as comunidades indígenas de *Nimuendajú* e *Tereguá* percebem as pessoas com deficiência e ainda, identificar limites e possibilidades da Escola Indígena *Tereguá* em relação a uma aluna indígena com deficiência nela matriculada. Nesse intuito, parte de uma abordagem teórico-metodológica pautada em autores de Karl Marx e Friederich Engels, o materialismo histórico, a qual considera o homem em sua atividade real com procedimentos fundamentados em elementos da etnografia.

Frente à proposta, enfatizamos o posicionamento de Creswell (2007) a respeito da etnografia como estratégia. Para o autor, essa estratégia constitui-se como importante aliada em estudos qualitativos, permitindo que o pesquisador estude um grupo cultural em um ambiente natural durante um período prolongado.

Nesse viés, ao ordenar as etapas de seu estudo, Sá (2015) propõe a realização de observações em períodos extensos numa comunidade indígena da Terra Indígena Araribá, localizada em Avaí no estado de São Paulo habitada por quatro grupos étnicos. Além de observações, a autora desenvolve ainda entrevistas e análises documentais, elementos que acompanham registros etnográficos, segundo Neves (2006).

Quanto às vantagens no uso de técnicas observacionais, López e Sandoval (2016)

destacam que a observação permite obter informações independentemente do desejo e da capacidade das pessoas de fornecê-las, além de possibilitarem a obtenção de informações comportamentais à medida que ocorrem sem intermediários, o que evita possíveis distorções de informações.

Dando continuidade, o estudo de Marqui (2017, p. 14) também desenvolve uma pesquisa com base em princípios etnográficos, no intuito de “demonstrar a importância concedida pelos *Baniwa* em pensar a formação, a criação e os cuidados de suas crianças, tendo como foco a escola e a religião evangélica, além de suas famílias e comunidades”.

Nessa perspectiva, novamente trazemos Neves (2006, p. 3) ao enfatizar que “a etnografia é uma ciência de descrição cultural”, em que o método etnográfico permite compreender uma comunidade por meio do ponto de vista de seus membros, além de descobrir interpretações dadas a determinados acontecimentos.

Com relação aos trabalhos de Marqui (2014) e Sá (2015), destacamos que, apesar dos distintos contextos, os estudos aproximam-se ao recorrerem à escola como espaço de observações. Contudo, a produção de Marqui (2014), seu enredo construído com base em eventos religiosos, encontros, reuniões e atividades cotidianas vivenciadas pela autora na terra indígena Alto Rio Negro no Amazonas.

A participação ativa e o envolvimento da autora em episódios observados, vivenciados e descritos ao longo de sua pesquisa chamam atenção quanto às características do estudo etnográfico. Para Gerhardt e Silveira (2009), a observação participante, a entrevista, a interação entre pesquisador e objeto pesquisado, a ênfase no processo, e não nos resultados, e a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências são algumas das características desse tipo de pesquisa.

Considerando o trabalho de Maders (2017), que propõe a mediação epistemológica de teorias de autores como Humberto Maturana,

Paulo Freire, Matias R. Fleuri e Nestor Garcia Canclini, para a formação de professores (as) indígenas ou não indígenas, numa proposta de interculturalidade. A autora sugere clara abordagem qualitativa, apresentando versões e visões de mundo, impondo ao pesquisador uma constante condição de observador de fatos.

As versões e visões de mundo apresentadas por Maders (2017), encontram justificativa no tipo de abordagem do estudo. Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa considera o dinamismo entre o mundo real e o sujeito, como um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Logo, a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados são atitudes neste processo.

A visão de ciência como prática social do conhecimento, de autores como Boaventura Santos, é ainda destacada em suas análises, gerando uma abertura que considera o saber e o reconhecimento do outro em busca de um conhecimento coletivo e, no caso desse estudo, um reconhecimento pautado em propostas da *Biologia do Amor* e *Biologia do Conhecimento*.

Nessa proposta, Maders (2017) apresenta e sugere reflexões quanto a Educação, quanto ao que é educar/ensinar, ao ser professor, ao sentido das escolas para as crianças, às relações entre educação e intercultura, à figura do indígena e à Educação Escolar Indígena, com base em diferentes documentos, atribuindo um caráter documental à pesquisa no que tangem aos procedimentos metodológicos.

O estudo de Silva (2017), ao considerar a produção e a implementação de currículos na Escola Estadual Indígena *Xucuru Kariri*, no município de Caldas, no estado de Minas Gerais, surge com uma construção baseada em narrativas de grupo de professores e lideranças indígenas a fim de conhecer histórias de vida, experiências, questões de identidade e possíveis influências de estereótipos de índios imaginários sobre o currículo escolar.

Isso posto, Creswell (2007) aponta que a pesquisa narrativa é uma estratégia associada

comumente às pesquisas com abordagem qualitativa, uma vez que por meio delas, o pesquisador estuda a vida das pessoas a partir de suas histórias que são contadas, recontadas e recriadas.

Para tanto, Silva (2017) estruturou sua pesquisa em cinco capítulos, preocupando-se ainda no primeiro, com a abordagem metodológica; no segundo, com o referencial teórico; seguido de narrativas de vida dos colaboradores da pesquisa que sustentam as análises no capítulo seguinte e; finaliza o estudo com discussões relativas às experiências vividas durante a escrita da tese que combinam as visões da autora com as visões de participantes numa perspectiva colaborativa.

Quanto à abordagem metodológica de seu problema de pesquisa, Silva (2017) considera elementos cotidianos de comunidades para a construção dos dados, defendendo o registro e a vigilância permanente do pesquisador em processos de coleta. As histórias de vida apresentadas como fontes de saberes, assim como o registro de imagens levantadas em campo, reconhecem o processo da pesquisa como um processo aberto.

Logo, a autora defende que “não há métodos, não há caminhos, mas precisamos procurar pelos métodos para conhecer suas [im]possibilidades de salto estético, ético, político, aceitando as nuances de vários pontos de vista, ou várias vistas de um ponto” (SILVA, 2017, p. 49).

Na sequência, discutiremos alguns pontos do trabalho de Maroldi (2018), que apresenta como eixo teórico norteador, as concepções de educação indígena enquanto processo de formação; e, como eixo metodológico, a análise bibliométrica de estudos que consideram essa educação diferenciada. Nesse intuito, busca identificar e analisar bases conceituais e legais da educação indígena no Brasil e traçar um panorama histórico de políticas públicas voltadas para populações indígenas do país por meio de revisão narrativa e da bibliometria.

Diante dos objetivos, Maroldi (2018, p. 54) caracteriza sua pesquisa “como quantitativa em relação à forma de abordagem do objeto, pois trabalhou com variáveis expressas sob a forma de dados numéricos e emprega técnicas estatísticas para classificá-los e analisá-los”. Além disso, o autor a considera o estudo exploratório quanto aos objetivos, descritivo quanto aos registros e descrições de seus objetos e analítico ao propor análises de informações coletadas.

Quanto ao desenvolvimento de uma pesquisa educacional com abordagem quantitativa, Gatti (2004) lembra que nessa área, excluindo análises de dados de avaliações de rendimento escolar, realizadas em alguns sistemas educacionais no Brasil, poucos estudos empregam metodologias quantitativas. Nesta seara, chamamos atenção ao fato de que o estudo de Maroldi (2018) se encaixa no cenário de minorias apontado por Gatti (2004).

Vale esclarecer que, segundo Creswell (2007, p. 35), “a técnica quantitativa é aquela em que o investigador usa primariamente alegações pós-positivistas no desenvolvimento de conhecimento, ou seja, raciocínio de causa e efeito, redução de variáveis específicas e hipóteses e questões, uso de mensuração e observação e teste de teorias, emprega estratégias de investigação como experimentos, levantamentos e coleta de dados, instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos”.

Diante da proposta, Maroldi (2018) estrutura a pesquisa a partir de cinco estudos: o primeiro, com uma revisão de produções científicas sobre a educação indígena no Brasil; o segundo, trazendo um panorama bibliométrico de estudos; o terceiro, analisando literaturas citadas em pesquisas; o quarto, identificando e analisando produtividade e frentes de pesquisas; e o último, apresentando variáveis como vida média, fator anual de envelhecimento e perda de atualidade de literaturas citadas em pesquisas manipuladas para a construção de indicadores apresentados no estudo.

Como proposta de uma revisão bibliográfica, mais especificamente sobre a Educação Escolar Indígena, surge o estudo de Orellana (2019), que propõe um tratamento qualitativo a questões de natureza quantitativa ao afirmar que “a visão panorâmica possibilitada pela organização de dados quantitativos permite identificar e acompanhar, qualitativamente, a trajetória e distribuição da produção científica de um determinado campo do conhecimento” (ORELLANA, 2019, p. 32). Nesse enredo, o autor busca mapear autorias, lugares de produção científica e grupos indígenas investigados, problematizações e fundamentos teórico-metodológicos apresentados em publicações nos anos de 1980 e 2017 no Brasil.

Analisando os trabalhos de Orellana e de Maroldi, podemos apontar similaridades quanto à manipulação de dados, tabulações, registros e mapeamentos, no entanto, observamos distanciamento nas pesquisas com relação ao tratamento da variáveis, uma vez que o estudo de Maroldi fundamenta-se na construção de indicadores estatísticos e na verificação de hipóteses de pesquisa, enquanto que Orellana propõe uma visão qualitativa da trajetória e distribuição da produção científica de um determinado campo de estudos.

O uso da linguagem matemática para descrever determinados apontamentos, atribui ao trabalho de Orellana um viés quantitativo, ao passo que o estudo descritivo sobre as produções acadêmicas e científicas na área da Educação Escolar Indígena, metodologia enfatizada pelo autor, lhe atribui características qualitativas.

Com relação à tese de Corrêa (2019), ao propor discussões quanto aos processos formativos de professores indígenas, egressos e em formação, do curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Educação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima (UFRR), a autora também faz uso de procedimentos metodológicos pautados em narrativas de vida e apresentam uma pesquisa qualitativa baseada em autobiografias de



memórias.

Na construção de sua pesquisa, Corrêa (2019) desenvolve um trabalho com um grupo de três docentes egressos aos quais propõe a construção de textos memoriais de formação e com um grupo de dez acadêmicos participantes do PIBID Diversidade, subprojeto Alfabetização e Letramentos, aos quais sugere a construção de narrativas autobiográficas, ambas as produções embasando as análises da autora. Desta forma, a pesquisa fundamenta-se em textos produzidos pelos participantes na busca por compreender a constituição identitária dos envolvidos com base em memórias individuais, sociais e profissionais e em histórias de vidas que permearam o curso de Licenciatura Intercultural da UFRR.

A proposta de construção de memoriais e narrativas de vida foi acompanhada de atividades de campo permitindo a apresentação de propostas, discussões, leituras reflexivas, promoção de oficinas teórico-pedagógicas sobre alfabetização linguística e alfabetização matemática, momentos de diálogos sobre a construção dos textos, bem como orientação e acompanhamento das produções.

Como técnicas de pesquisa e instrumentos de coleta de dados, a autora faz uso ainda de entrevistas e da aplicação de questionários. Nessa vertente, Prodanov e Freitas (2013) pontuam que, tanto os questionários, quanto as entrevistas, são técnicas de levantamento de dados primários e dão grande importância à descrição verbal de informantes, diferenciando-se basicamente pelo fato da entrevista ser realizada face a face, podendo ou não ser conduzida por um roteiro de questões pré-estabelecidas.

O trabalho de Mazoni (2019), por sua vez, diferentemente das demais pesquisas, propõe um estudo sobre necessidades e dificuldades de indígenas do povo *Kadiwéu* da Aldeia Alves de Barros no município de Porto Murinho no Estado do Mato Grosso do Sul, quanto ao uso do português escrito frente a questões sociais,

políticas e educacionais vivenciadas pela comunidade. Logo, propõe o desenvolvimento de um curso de capacitação de professores indígenas *Kadiwéu* sobre o ensino de português na intenção de contribuir com o processo de autonomia desses indígenas diante de obstáculos impostos pelo uso da língua portuguesa.

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), a pesquisa pode cumprir dois objetivos fundamentais, produzir conhecimento e teorias, características da pesquisa básica, ou resolver problemas práticos, princípios da pesquisa aplicada. A partir desta compreensão, Mazoni propõe um trabalho aplicado, desenvolvendo uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa.

Autores como Thiollent (1986, p.8) pontuam que pesquisas alternativas, como a pesquisa-ação, podem “desempenhar um importante papel nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todas as pessoas ou grupos implicados em situações problemáticas”, cujas propostas podem fornecer a pesquisadores e grupos participantes, meios para responder a problemas vivenciados, a partir de uma ação transformadora.

A essa ação transformadora que Neves (2006, p. 12) se refere como “um passo a mais” ao comparar a pesquisa-ação a outras pesquisas lembrando que, a partir da escuta do grupo, “propõe-se uma ação a ser realizada, tendo em vista os problemas colocados, que exigem soluções de acordo com as particularidades dos atores sociais envolvidos. A ação é planejada em um processo de negociação constante com as pessoas envolvidas”.

Para chegar à proposta do curso de capacitação para os professores indígenas, Mazoni (2019) realiza estudos na comunidade indígena, coleta informações por meio de verificação direta, conduz entrevistas com professores e equipes gestoras de escolas indígenas, e ainda propõe a alunos indígenas a construção de redações, conjunto de ações acompanhadas de estudos bibliográficos sobre

o Ensino de Português para Falantes de Outras Línguas (EPFOL) que fundamentam sua proposta.

A última pesquisa selecionada trata-se do trabalho de Medeiros (2020), estudo mais recente da seleção, que busca registrar a história da educação escolar do povo *Kaingang* durante período de atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) no estado do Rio Grande do Sul, durante o período de 1940 e 1967, tendo como objetivo principal, compreender como a escola foi instituída pelo órgão e como ela se concretizou entre os povos *Kaingang* em dois postos indígenas, os postos Nonoai e Guarita.

Diante da proposta, Medeiros (2020) busca relações entre à educação escolar pensada por Diretorias do SPI, com a execução do planejamento dos gabinetes por parte dos funcionários dos postos indígenas e a forma como a escola foi experienciada por pessoas que participaram das atividades no período. Para tanto, parte de uma contextualização histórica de experiências de escolarização entre os *Kaingang* e, de narrativas de vida de 32 *kófa*, velhos indígenas de acordo com a língua *Kaingang*, das quais são tecidas “impressões afetivas”, como trata a autora, em relação ao tempo de escola.

No que se refere ao marco teórico-metodológico, Medeiros (2020) apresenta um estudo pautada em trabalhos de pesquisadores indígenas, como Linda Tuhiwai Smith, que enfatizam a necessidade de descolonização da pesquisa e a criação de metodologias que respeitem e atendam a sistemas de conhecimentos indígenas.

Compreendendo a proposta de Medeiros (2020) quanto a busca pelo saber que pautado em metodologias indígenas de pesquisa, acreditamos que não cabe, nesse artigo, classificá-la segundo critérios assumidos em narrativas dominantes. Sendo assim, destacaremos alguns procedimentos metodológicos pontuados pela autora ao longo de seu trabalho de forma a possibilitar a

compreensão quanto ao processo de construção da pesquisa.

Quanto à conduta, Medeiros (2020) pontua que, segundo metodologias indígenas de pesquisa, o pesquisador deve respeitar as pessoas no sentido de compreender a relevância de cada um no processo construtivo do trabalho, partindo de uma abordagem colaborativa que permita a fluidez do conhecimento em ambas as direções e ainda que haja sempre uma devolutiva dos resultados às comunidades.

Nessa intenção, a autora constrói relações com pessoas e comunidades *Kaingang* a partir de uma responsabilidade relacional, como trata a autora, tendo como elementos o respeito pelas pessoas e pelos modos de conhecer indígena, a preocupação em envolver a comunidade na pesquisa e o compartilhamento de conhecimentos no percurso da pesquisa. Relacionalidade refletida no desenvolvimento da pesquisa, aliada ao uso de fontes de informações escritas e orais.

Como fontes escritas, Medeiros (2020) considera documentos como instrumentos normativos e informativos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), documentação elaborada por encarregados dos postos indígenas considerados no estudo, nos quais busca vestígios de relações com a escola e sinais de protagonismo *Kaingang*.

Na construção da tese, a autora destaca o foco da pesquisa como sendo o registro de experiências pessoais logo, as fontes orais e as histórias de membros da comunidade *Kaingang* que vivenciaram a escola sob a gestão do SPI, ganham destaque no estudo. Nesse viés, busca subsídio em autores como Renee Pualani Louis que defende que as histórias orais são formas de transmissão de saber pertencentes a um sistema de conhecimento propriamente indígena, para ter acesso a esse sistema é necessário fazer história oral como método de pesquisa.

Quanto às entrevistas, Medeiros (2020)

assume métodos conversacionais, propostos por pesquisadoras indígenas como Margaret Kovach, que consistem numa forma de reunir conhecimentos tendo como elemento central a contação de história de forma dialógica em que o pesquisador também participa e, quando empregada numa perspectiva indígena, diferencia-se de abordagens dominantes ao exigir uma ligação à conhecimentos indígenas, estando assim situada num paradigma indígena.

A partir destas observações, finalizamos os apontamentos propostos no início deste estudo quanto à identificação de procedimentos e técnicas metodológicas utilizados em pesquisas científicas desenvolvidas no Brasil que consideram como temática principal estudos sobre a Educação Escolar Indígena.

## **CONSIDERAÇÕES**

Ao propormos uma revisão de produções acadêmicas que consideraram a Educação Escolar Indígena como campo de estudos, tendo como foco procedimentos e técnicas metodológicas utilizados nas pesquisas, foi possível perceber possibilidades metodológicas que podem guiar uma pesquisa no campo da Educação, especificamente, da Educação Escolar Indígena. Cada fenômeno, cada abordagem, cada finalidade e cada objetivo têm seu fator de relevância e podem influenciar na escolha ou no desenvolvimento de técnicas de pesquisa.

Com relação aos tipos de pesquisa, podemos afirmar que a maioria dos trabalhos se referem a estudos qualitativos quanto à forma de abordagem dos temas, considerando que a maioria dos pesquisadores busca significados, motivos, valores, relações, opiniões, visões e crenças, dentre outras características sobre determinados fenômenos, sobre seus problemas de pesquisa, ou seja, relações que não poderiam ser explicadas ou determinadas por meio da quantificação numérica.

Considerando a natureza das pesquisas, prevalecem estudos básicos que contribuem para a ampliação de conhecimento sobre

determinadas temáticas, sem que haja necessariamente uma aplicação prática.

Sob o ponto de vista dos objetivos, dada multiplicidade de objetivos direcionados a etapas específicas dos trabalhos atendendo a diferentes critérios em diferentes momentos, observam-se características exploratórias, ao fornecerem e tratarem sobre os assuntos e, características descritivas ao proporem descrições, interpretações, análises de características, de fatos, de registros observados sobre fenômenos ou temas de suas pesquisas.

No entanto, a maior diversidade que encontramos nos estudos refere-se aos procedimentos das pesquisas. Diversidade observada tanto na escolha dos procedimentos, quanto na escolha das técnicas utilizadas para desenvolvê-los. Como resultado, foram identificados estudos que podem ser classificados como pesquisas bibliográficas e/ou documentais em etapas específicas dos estudos, pesquisas de campo, pesquisas etnográficas e pesquisa-ação.

No que se refere à coleta e à análise dos dados, as técnicas e os instrumentos utilizados mais comuns centraram-se na realização de entrevistas, na descrição de observações, na análise de documentos, na análise de narrativas e na interpretação de falas, gestos ou mesmo de expressões corporais de colaboradores, coautores e participantes das pesquisas.

Esse estudo permite ainda afirmar que as pesquisas científicas realizadas sobre Educação Escolar Indígena são abrangentes e encontram-se inseridas num constante processo de mudanças, podendo privilegiar aspectos sobre diferentes interesses inseridos em contextos variados como o educacional, cultural, social, histórico, político e econômico.

Por fim, destacamos o entendimento de boa parte dos pesquisadores em construir trabalhos de forma colaborativa com os participantes das pesquisas na intenção de dar voz a pessoas e comunidades indígenas contribuindo com a

construção da Educação Escolar Indígena no Brasil.

## REFERÊNCIAS

BDTD. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em: <<https://bdtb.ibict.br/vufind/>> Acesso em: dez. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília: DF, 23 dez 1996.

CORRÊA, A. L. M. O. Percursos de resiliência e identidade em histórias, memórias e experiências de alfabetizadores (as) indígenas em Roraima. 2019. 177f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (orgs). Métodos de pesquisa. Série Educação a Distância. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LÓPEZ, N. SANDOVAL, I. Métodos y técnicas de investigación cuantitativa y cualitativa. 2016. Disponível em: <[http://recursos.udgvirtual.udg.mx/biblioteca/bitstream/20050101/1103/1/Metodos\\_y\\_tecnicas\\_de\\_investigacion\\_cuantitativa\\_y\\_cualitativa.pdf](http://recursos.udgvirtual.udg.mx/biblioteca/bitstream/20050101/1103/1/Metodos_y_tecnicas_de_investigacion_cuantitativa_y_cualitativa.pdf)> Acesso em: jan. 2022

MADERS, S. Educação Escolar Indígena, Intercultura e Formação de Professores (as). 2017. 181f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

MAROLDI, A. M. Estudos bibliométricos sobre

educação indígena: frente de pesquisa, vida média e obsolescência da literatura citada em teses e Dissertações. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

MARQUI, A. R. Relações entre infância, escola e religião: etnografia dos baniwa do Médio Içana. 2017. 185f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

MAZONI, L. M. A. de S. O ensino de português para os *Kadiwéu* – realidade, desafios e estratégias para professores indígenas. 2019. 130f. Tese (Doutorado em Letras Clássica e Vernáculas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MEDEIROS, J. S. & coautores. As escolas do Serviço de Proteção aos Índios em Postos Indígenas kaingang: entre os documentos oficiais e as vozes dos *kófa* (1940-1967). 2020. 337f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

MINAYO, M. C. de S. (org.) Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEVES, V. F. A. Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 1, n. 1, São João del-Rei, jun. 2006.

ORELLANA, A. D. A. Y. A Produção Acadêmica em Educação Escolar Indígena no Brasil: autorias, tendências e perspectivas -1980 a 2017. 2019. 150f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SÁ, M. A. de. Educação e escolarização da criança indígena com deficiência em Terra

Indígena Araribá. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Metodología de la Investigación. 4ª ed. Mc Graw Hill, 2006.

SILVA, B. S. da. Currículos e identidades: tiroteio narrado ao som do maracá. 2017. 345f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez & Associados, 1986.